

O CONVITE SILENCIOSO DAS PLANTAS

Sanzia Pinheiro Barbosa¹

Maria da Conceição de Almeida²

Resumo: A pesquisa desenvolvida no doutorado em educação, tem como ponto de partida uma crítica a educação humanista, identificando-a como um dos pilares da arquitetura da sociedade ocidental, branca, heteronormativa e patriarcal. Inspirada na prática poética de Castiel Vitorino Brasileiro, artista, escritora, psicóloga, negra e travesti. A artista expande suas reflexões a partir de intimidades que as pessoas travestis e as corpos negros desenvolvem com outros seres que não os animais humanos. Aqui apresento um conjunto de seis trabalhos para pensar os vegetais como nossos ancestrais, como nicho inspirador e de aprendizagem: *Corpoflor*, *Um punhado de onze horas*, *Novos ancestrais*, *Plantas que curam*, *Julite* e *Comigo-nin-guém-pode*. um conjunto de performances que sustentam relações interespecíficas com as plantas. Recorro ao método das ciências da complexidade e discuto o esquecimento promovido pela modernidade de que nós somos seres em transmutação, entrelaçados com todas as espécies do planeta por meio da bioquímica. Transmutamos em todas as direções durante toda a nossa vida e para além dela. Pois a morte, nada mais é que outra fase do movimento da vida que acontece no universo de maneira contínua em ciclos alternados. Em toda a produção poética de Castiel, a presença Bantu-diaspórica e a sua prática espiritual macumbeira são pontos de partida e lentes para suas questões, revelando uma polifonia de vozes, provocando

¹ Sanzia Pinheiro Barbosa, doutora em educação (2025), mestre em Ciências Sociais (2002) especialização em filosofias (1997) Graduação em Pedagogia (1989) pela UFRN. Integra o Grupo de Estudos da Complexidade-GRECO e desenvolve pesquisa no campo das artes visuais. Participou de diversas comissões de seleção como o Laboratório de Artes Visuais da Escola Porto Iracema das Artes-Fortaleza/CE (2019/2020); ocupação do Hotel Globo e Casarão 34 em Joao Pessoa/PB (2022). Integrou o comitê curatorial do Programa Rumos Visuais/Itaú Cultural, participando da montagem de duas exposições (Itaú Cultural/ SP e Museu de Arte Contemporânea/SC (2011/2013); Membro do Colegiado de Artes Visuais-Minc, participando da elaboração do Plano Nacional de Artes Visuais (2010/2012). Realizou diversas curadorias dentre elas: Maré Foto Festival (2025/2024); Poética Protética individual de Carolina Teixeira. Galeria Conviv'Art /UFRN (2019/2021); Círculo do Tempo individual de Falves Silva e Designio e individual de Jota Medeiros, ambas no Centro Cultural São Paulo-CCSP (2016/2017), Tornar-se Outro coletiva patrocinada pelo Centro Cultural Banco do Nordeste_CCBNB (2023). Fez os seguintes cursos livre: Catalogação de acervos artístico no Núcleo de Arte e Cultura da UFRN/2014 com Cristina Freire; Cadernos de Notas Práticas nº 01 no Museu Murilo La Greca 2010 Recife/PE com Marcio Harum; História da Arte Brasileira no Museu de arte Contemporânea do Ceará 2006 Fortaleza/CE com Paulo Reis; Tão Sério Quanto o Prazer no Museu de Arte Contemporânea do Ceará, 2005 Fortaleza/CE com Chuz Martinez; Quem Tem Medo de Arte Contemporânea? na Fundação Joaquim Nabuco, 2003 Recife/PE com Fernando Cocchiarale. E-mail: aranha.asa@gmail.com.

² Professora Titular do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte desde maio de 2010. Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992). Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1979). Graduada em Sociologia e Política pela Fundação Jose Augusto (1972). Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade, primeiro ponto brasileiro da Cátedra itinerante Unesco "Edgar Morin" na UFRN. Colaboradora e consultora da Multiversidad Mundo Real Edgar Morin. Membro da Cátedra itinerante Unesco "Edgar Morin" - Universidad Del Salvador/Instituto Internacional para o Pensamento Complexo. Membro da Associação Internacional para o Pensamento Complexo. Membro do Comitê Científico Internacional - Universidad de Valladolid. Membro do Conselho Editorial das revistas: Famecos - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Cronos - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais- UFRN; Educação em Questão - PPGEd/UFRN. Coordenadora da Coleção Baobá e Coleção Saberes da Tradição. Tutora de Doutorado de Pós-Grade em Educação com Enfoque em Complexidade e Transdisciplinaridade na Escuela Militar de Ingenieria nas cidades de Santa Cruz de La Sierra, Cochabamba e La Paz. Tem experiência na área de antropologia e complexidade, com ênfase em Epistemologia, atuando principalmente nos seguintes temas: complexidade, educação, cultura, ciência e conhecimento. E-mail: calmeida17@hotmail.com.

deslocamentos no pensamento por não considerar as fronteiras identitárias. Construindo imagens opacas, repletas de movimentos e transbordantes de uma poética viva que parte de suas temperaturas corporais, e de sua atenção às minúcias do cotidiano e insignificâncias, dando a entrever suas potências. Nesse jogo de escuridão e luz cria relações e produz lembretes que parecem querer desmontar as armadilhas nas quais estamos há séculos mergulhadas. Enfim, especulamos sobre a possibilidade de as práticas artísticas contribuírem no enfrentamento do desafio da superação da educação humanista. O artigo tece um percurso rizomático por entre as questões das performances selecionadas com as discussões tecidas por Conceição Almeida, Denise Ferreira da Silva, Stefano Mancuso e Donna Haraway entre outras/os autoras/es.

Palavras-chave: Educação humanista, Castiel Vitorino Brasileiro, relações multiespécie.

THE SILENT INVITATION OF PLANTS

Abstract: The research developed in this doctoral study in education begins with a critique of humanist education, identifying it as one of the pillars of the architecture of Western, white, heteronormative, and patriarchal society. It is inspired by the poetic practice of Castiel Vitorino Brasileiro—an artist, writer, psychologist, Black travesti. Her work expands reflections drawn from the intimacies that travesti people and Black bodies cultivate with beings other than human animals. Here, I present a set of five works that invite us to think of plants as our ancestors and as an inspiring, pedagogical niche: *Corpoflor*, *Um punhado de onze horas*, *Novos ancestrais*, *Plantas que curam*, *Julite*, and *Comigo-ninguém-pode* — a constellation of performances that sustain interspecific relationships with plants. Through a rhizomatic logic, I discuss the erasure produced by modernity of the fact that we are beings in transmutation, chemically intertwined with all species on the planet; we transmute in all directions throughout our lives and beyond them, for death is simply another phase in life's continuous, alternating cycles in the universe. In Castiel's poetic production, Bantu-diasporic presence and her macumbeira spiritual practice serve as starting points and lenses for her inquiries, revealing a polyphony of voices and provoking shifts in thought by refusing to consider identity boundaries. She constructs opaque images, full of movement and overflowing with a living poetics that arises from her bodily temperatures and her attention to the minutiae and seeming insignificance of daily life, allowing their latent forces to appear. In this interplay of darkness and light, she creates relations and produces reminders that seem intent on dismantling the traps in which we have been submerged for centuries. Ultimately, I speculate on the possibility that artistic practices may contribute to confronting the challenge of overcoming humanist education. The article weaves a rhizomatic path through the questions evoked by the selected performances alongside the discussions developed by Conceição Almeida, Denise Ferreira da Silva, Stefano Mancuso, and Donna Haraway, among other authors.

Keywords: Humanist education; Castiel Vitorino Brasileiro; multispecies relations.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da tese de doutorado desenvolvida no âmbito do Programa de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPGED/UFRN. A tese, tem como ponto de partida uma crítica a educação humanista. O humanismo, entendido como base estrutural da sociedade ocidental, consolidou a noção de que o ser humano ocupa um lugar de excepcionalidade. Essa arquitetura conceitual sustenta a crença na autodeterminação e no domínio do planeta Terra, afastando-nos da percepção de que somos também animais, produzidos e transformados no mesmo processo vital que envolve todos os seres vivos e não vivos do planeta.

Edgar Morin (1979) observa que fomos persuadidos a acreditar que rompemos os fios de interdependência com a natureza — laços que marcaram a vida de nossos antepassados antropomorfos — e passamos a imaginar para nós um reino autônomo chamado “cultura”. Essa ruptura simbólica reforçou a ideia de destino excepcional, sobretudo em comparação às outras espécies, em especial os animais, que domesticamos, confinamos, reprimimos ou reduzimos a reservas. A habilidade humana de intervir e remodelar o mundo ao redor alimentou a ilusão de que transcendemos a própria natureza, colocando-nos como seres “extranaturais”, talvez até “sobrenaturais”. Esse pensamento, que se enraíza desde a Grécia Antiga, como aponta Rupert Sheldrake (1997), encontrou no projeto moderno — sobretudo a partir de Newton — uma de suas expressões mais intensas, ao assumir que nossa missão seria dominar, explorar e moldar a natureza segundo nossa vontade.

A educação humanista tem como objetivo primordial a racionalidade instrumental, a ênfase na formação do sujeito para o trabalho e a exclusão da arte e dos saberes da tradição nos processos educativos. Especulo sobre a possibilidade de as práticas artísticas contribuírem no enfrentamento do desafio de superação da educação humanista. Nosso esforço aqui é tecer uma escuta, um diálogo sensível e relacional, não para analisar as obras da artista como objeto a ser decifrado, mas deixar-se afetar, permitir que interrompam o saber que se pensa pronto. Caminho no texto com um conjunto de 6 performances: *Corpoflor*, *Um punhado de onze horas*, *Novos ancestrais*, *Plantas que curam*, *Julite* e *Comigo-nin-guém-pode*. Esse artigo não enquadra a obra em categorias predeterminadas, mas reconhece a obra como coautora do pensamento, operando como corpo que sente, escuta e se desloca. Aqui a obra deixa de ser “objeto de análise” para ser companhia de travessia.

Arriscamos uma aproximação entre o método das ciências da complexidade nomeado por Edgar Morin e a arte contemporânea, especialmente a produção de Castiel Vitorino Brasileiro que para nós, revela afinidades profundas: ambas operam na recusa da simplificação e na convocação do múltiplo. Morin afirma que compreender o real exige articular dimensões heterogêneas — ordem e desordem, racionalidade e sensibilidade, vida e morte, corpo e mundo — e é precisamente nesse entrelaçamento que a obra de Castiel se move. Sua poética convoca transmutação, travessia e ancestralidade como forças que desestabilizam identidades fixas, tal como o pensamento complexo desestabiliza

categorias rígidas de análise. Castiel produz imagens e rituais que são simultaneamente autobiográficos e coletivos, individuais e cósmicos, corporais e espirituais — uma expressão viva do princípio hologramático de Morin, em que cada parte contém algo do todo. Sua arte é um campo de relação, onde o corpo travesti-negro, a natureza, o espírito e a tecnologia se co-produzem de modo recursivo, reconfigurando continuamente o sentido de existir. Assim, a obra de Castiel não apenas dialoga com a complexidade: ela performa o pensamento complexo, fazendo do gesto artístico um método de conhecimento que acolhe o indeterminado, o contraditório e o pulsante como elementos necessários para imaginar outros modos de viver e de sentir.

A artista Castiel Vitorino Brasileiro, nos ajuda a ensaiar uma educação radicalmente aberta, que inclui as relações interespecíficas, complexas no sentido de contribuir para a construção de práticas educativas fundadas em uma multirreferencialidade característica da arte contemporânea e no aprendizado das relações não hierarquizadas. Castiel promove uma disputa imagética e narrativa intelectual em sua argumentação da transmutação como desígnio da vida e sobre as relações interespecíficas.

Trago ao longo do texto um conjunto de trabalhos, anunciado mais acima, de autoria de Castiel com participação das plantas. São performances e vídeo performances. Assim como toda a sua produção poética, a presença Bantu-diaspórica, a sua prática espiritual macumbeira e a transmutação que vive em seu corpo têm sido seu ponto de partida. Seu trabalho aponta para outra possibilidade de existência, um viver compartilhado com todos os seres vivos e não vivos que habitam este planeta e a morte como a continuidade da vida por meio de contínua transmutação. A artista convida a abandonar o trauma brasileiro ancorado em nomeações de raça e gênero e a construir coletivamente imagens menos violentas.

O termo humanismo, surgiu na Itália na segunda metade do século XIV, difundindo-se posteriormente para outros países da Europa. Manifestou-se também como movimento literário e filosófico, que toma como fundamento a natureza humana e os limites e interesses do ser humano. Suas bases situam os sujeitos humanos como destinados a viver no mundo e a dominá-lo, reivindicando para eles o valor do prazer. Exalta-se, assim, a dignidade e a liberdade do animal humano, concebido como ocupante de um lugar central na natureza. O reconhecimento da historicidade da humanidade e de seus vínculos com o passado serve tanto para unir quanto para distinguir os sujeitos (Abbagnano, 2007),

produzindo narrativas totalizantes que explicam o progresso, a ciência e a razão como guias universais. Trata-se de uma concepção fundada na ideia de uma natureza excepcional do animal humano–racional, comedido e capaz de controlar suas paixões. A modernidade elegeu como ápice do humano um tipo específico: homem, adulto, branco, europeu, burguês e urbano. Os outros corpos que se situam foram desse molde de matriz europeia foram historicamente concebidos como portadores de erros, desvios e imperfeições, e, por isso, considerados passíveis de dominação, subjugação e escravização. Os apóstolos do humanismo perseguiram um sonho compartilhado por muitos, um sonho que guiou a empreitada moderna de conquistar o mundo e dominar a natureza.

Essa educação que denominamos humanista permanece, até os dias atuais, como fundamento praticamente inquestionável da maioria das propostas educativas. As reformas e transformações nos diferentes modos de educar no mundo ocidental moderno foram orientadas conforme as demandas do mundo do trabalho e, por que não dizer, pelas reorganizações do mercado. A produção poética de Castiel Vitorino Brasileiro lança uma flecha contra essa educação humanista que privilegia a razão normativa, a linguagem alfabética, a neutralidade epistemológica, a formação do cidadão para o trabalho e, sobretudo, a disputa por um lugar na plantation. Sua produção artística e intelectual nos ajuda a ensaiar uma educação radicalmente aberta, complexa, capaz de contribuir para a construção de práticas educativas fundamentadas na multirreferencialidade característica da arte contemporânea e no aprendizado das relações não hierarquizadas. Castiel promove uma disputa imagética e narrativa intelectual em defesa da transmutação como desígnio da vida e das relações interespecíficas.

2 PENSAMENTOS EM FUGA

Para compreender as contribuições que essa proposição – formulada pela artista, psicóloga e escritora – oferece à educação, convocamos as pensadoras Denise Ferreira da Silva, Donna Haraway e Conceição Almeida, que nos auxiliam a criticar o racionalismo cartesiano, o humanismo, a separação sujeito-objeto, mente-corpo e a noção de excepcionalidade do animal humano. Tais críticas, já presentes na produção artística e intelectual de Castiel, ganham maior densidade na articulação com essas autoras,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

tornando-se proposições epistemológicas que tensionam os modos de existência legitimados pelo Ocidente.

Ferreira da Silva, Donna Haraway e Conceição Almeida, embora partam de contextos e perspectivas distintas, compartilham o gesto radical de desestabilizar os fundamentos do pensamento ocidental moderno. Ferreira da Silva questiona a centralidade da razão universal, ao propor uma ética da implicação profunda entre todos os entes do mundo, recusando a separação entre sujeito e objeto, mente e corpo. Conceição Almeida, a partir da ciência da complexidade, formula uma educação fundada na diversidade radical da vida — humana e não humana — como forma de romper com os modelos formativos coloniais. Haraway, por sua vez, insiste na ideia de compostos e simbioses, defendendo alianças interespecíficas e imaginando futuros com e não sobre os outros seres. As três autoras, cada uma a seu modo, formulam modos de pensamento enraizados na interdependência, na mistura e na recusa das hierarquias herdadas da modernidade — gestos que ressoam profundamente na produção artística de Castiel Vitorino Brasileiro.

A conexão entre as pensadoras e a artista reside no questionamento de uma racionalidade moderna totalizante. Todas sugerem que superar o “mundo ordenado” exige romper com a rigidez da razão moderna — seja ela científica, filosófica ou política. Haraway contribui com uma crítica à ciência ocidental objetivista e propõe uma ética de convivência entre espécies, que ressoa tanto na ideia de implicação profunda formulada por Ferreira da Silva quanto na concepção de educação como experiência da diversidade desenvolvida por Almeida. Juntas, apontam para modos de viver e conhecer que acolhem a diferença, a interdependência e a inseparabilidade entre os seres.

Adentremos a seguir nos pensamentos em fuga.

Conceição Almeida, antropóloga, cujas pesquisas têm como eixo central as ciências da complexidade, questiona práticas científicas tradicionais que consolidaram “estruturas mentais que operam a fragmentação das formas e níveis da realidade e, sobretudo, a separação entre o humano e todos os outros estados da matéria e da vida” (Almeida, 2017, p. 181). A autora assume a incerteza, a parcialidade e o inacabamento como características constitutivas do conhecimento produzido pelo animal humano. Além disso, propõe uma visão de ciência mais aberta e dinâmica, afastada do ideal de equilíbrio e repetição. Suas bases teóricas articulam-se a partir das ideias de Claude Lévi-Strauss,

das ciências da complexidade, dos saberes da tradição e dos avanços da biologia – sobretudo sua dissidente, a epigenética.

Como estudiosa das ciências da complexidade, Almeida identifica nas ciências humanas e sociais – em suas explicações sobre a cultura, a sociedade, a condição humana e a educação – uma biofobia, um sociobiologismo, um economicismo, um historicismo e um antropologismo. São equívocos cognitivos que, segundo a autora, produzem uma anatomia perversa, desenhando o animal humano esquadrihado por territórios e comprometendo nossa forma de compreender o mundo e a nós mesmos, afastando-nos de nosso débito impagável com a diversidade. Como seres marcados pelo inacabamento,

é crucial reacender a memória de nossa condição mestiça e marcada pela diversidade. [...] é necessário relembrar a natureza mutante da realidade, sua história, suas transformações. A história singular de cada um e de cada cultura é uma emergência discreta da história do universo e do diverso (Almeida, 2017, p. 196/197).

Almeida investiga, com profundidade, a relação entre os saberes científicos e os saberes da tradição. Sua parceria intelectual com Francisco Lucas da Silva – o Chico Lucas – alimentou monografias, dissertações e teses produzidas no âmbito do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM). Chico Lucas, foi pescador e um polímata, viveu na Lagoa do Piató, na cidade de Assu/RN. Sistematizou, por meio da oralidade, uma “gramática expositiva do chão”: um inventário das espécies vegetais, animais, e minerais da Lagoa do Piató. Possuía, ainda, notável habilidade na arte de prever ventos mudanças climáticas. Dizia que “seu Eu foi o seu professor”, pois seu conhecimento era tecido nas andanças e, sobretudo, no “prestar atenção” às dinâmicas da natureza. Em suas narrativas sobre a ecologia da Lagoa do Piató, relatava que o “Eu do conhecimento do sapo é o clima”. É evidente, portanto, que Chico Lucas se educou nas vivências de seu próprio experimentar o mundo do ecossistema da Lagoa do Piató.

Essa parceria com Chico Lucas constitui o testemunho vivo da defesa que Conceição Almeida faz do diálogo entre ciência, arte, espiritualidade e saberes da tradição. A convivência e a partilha com outros modos de experiência e compreensão do mundo, em qualquer de suas expressões, exigem segundo a antropóloga, uma atitude reflexiva radical, criativa e inaugural. “Essa reflexão precisará desvencilhar-se de algumas palavras de ordem que oferecem textura à argamassa do processo civilizatório em curso” Almeida

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

(2017, p.188). Ao apostar em outros polos cognitivos, em formas mais abertas de pensar e viver, a autora assume a ciência como uma meia-verdade no diálogo com os saberes da tradição, com a arte e com outros nichos de produção de conhecimento. Nesse sentido, sua sugestão é a construção de uma educação como experiência da diversidade. Esse “como” comporta múltiplas funções – advérbio, conjunção, pronome relativo ou forma verbal, por isso, indica modos, comparações, exemplos, explicações e ação.

A experiência da diversidade é essencial para a manutenção da vida no planeta, para além – ou aquém – do animal humano. A educação pode possibilitar a “compreensão do mundo em qualquer de suas expressões (materiais, imateriais, fenomênicas ou imaginais) e, como uma ecologia, exige uma atitude reflexiva e radical” (Almeida, 2017, p. 188). Conceição Almeida critica o pensamento moderno por sua "obsessão pela ordem e pela verdade única" no campo científico. Para ela, a ciência clássica eliminou o acaso, a contradição, o caos, a arte e os saberes da tradição como elementos válidos de compreensão. A autora encontra nas ciências da complexidade, nomeadas por Edgar Morin, um paradigma alternativo no qual ordem e desordem coexistem e se retroalimentam. Embora suas bases dialoguem com diversas tradições científicas e filosóficas, as ciências da complexidade tecem uma crítica profunda ao projeto moderno e ao humanismo clássico. Ao questionar os pilares da ciência, sobretudo a ciência newtoniano-cartesiana que sustentou a ideia de um sujeito racional, separado da natureza e do mundo–, Almeida desestabiliza a base epistemológica do humanismo ocidental.

O pensamento de Conceição Almeida reconhece a complexidade dos mundos que nos atravessam. Sua escrita propõe uma abertura radical à multiplicidade, entendendo que pensar é sempre tocar o chão vivo das experiências, onde o conhecimento se faz em movimento, mistura e presença. Denise Ferreira da Silva, por sua vez, desloca esse chão ao propor uma ética da implicação que dissolve fronteiras, desfaz o sujeito transparente e nos convoca a imaginar modos de existência que não dependam da separabilidade moderna. Trago o pensamento de Ferreira da Silva por meio de sua produção artística, especialmente os filmes *Serpent Rain* (2016) e *4Waters: Deep Implicancy* (2018), produzidos em parceria com *Arjuna Neuman*. Essas obras oferecem um campo privilegiado para pensar, junto à filósofa, as limitações do humanismo que ainda estrutura a defesa contemporânea da educação. Ambas operam a partir de um gesto de recusa da temporalidade linear e de uma crítica profunda à ontologia moderna, ao mesmo tempo em

que convidam à imaginação de uma ética “despojada de valor e do humano” — uma ética inseparável de toda a matéria e não ancorada no sujeito universal moderno.

Os filmes são compostos por fragmentos de imagens, sons, falas e materiais científicos, formando ecologias audiovisuais que entrelaçam natureza, violência, fluxos geológicos, cosmologias e corpos. Neles, as pesquisas acadêmicas de Ferreira da Silva encontram as experimentações estéticas de *Neuman*, produzindo um pensamento que se realiza simultaneamente como filosofia e como cinema. Em *Serpent Rain*, a narrativa se abre com a voz da filósofa refletindo sobre a teoria do valor em Karl Marx, destacando como, na fórmula marxiana, o trabalho escravizado e as terras indígenas roubadas — fundamentais para a economia do algodão — sequer aparecem como “trabalho morto”.

Trata-se, para Ferreira da Silva, de um apagamento que revela a ausência da colonialidade no horizonte filosófico europeu. O filme mobiliza cartas de tarô para sustentar uma temporalidade mítica na qual passado, presente e futuro coexistem e se espelham. Mais do que prever o futuro, o tarô sugere a leitura de um mundo constituído por possibilidades insurgentes no presente. A narrativa desmonta, assim, a linearidade temporal moderna e aproxima-se de uma lógica de circularidade, conexão e simultaneidade.

O filme desloca gradualmente as imagens iniciais de violência racial para cenas de rios, florestas, rochas, plantas submersas e máquinas que medem a atividade elétrica de organismos vegetais. O ponto de partida é a descoberta de um navio negreiro afundado, que funciona como metáfora e arquivo material de histórias silenciadas. A partir daí, *Serpent Rain* persegue a imagem de uma vida que não se deixa reduzir à figura do humano formulada pela tradição europeia. Os depoimentos de geobiólogos reforçam essa perspectiva: *Ingunn Hindenes Thorseth* relata a presença do vivo nas próprias rochas analisadas, enquanto *Bjarte Hannisdal* explica o papel fundamental das redes complexas e dos movimentos contínuos das mitocôndrias – que se esticam, se dividem e se transformam o tempo todo. Essa vitalidade microscópica desafia a separabilidade entre “vida” e “matéria”.

O jogo estético entre imagens de violência racial e referências ao paradigma newton-cartesiano explicita a crítica de Ferreira da Silva à separabilidade ontológica sustentada por essa tradição. É justamente essa separabilidade — entre sujeito e objeto, mente e corpo, humano e natureza — que fundamentou a emergência da ciência clássica,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

o desenvolvimento do capitalismo e, em última instância, os modos de existência que estruturam o mundo moderno-colonial. *Serpent Rain* tensiona esse legado ao aproximar ciência da complexidade, pensamento não linear e cosmopolíticas que escapam à lógica do Uno e da determinação.

Já *4Waters: Deep Implicancy* continua essa investigação radical, compondo outro cosmos para além da separabilidade, da determinabilidade e da sequencialidade. Dividido em quatro capítulos — ar, terra, água e fogo —, o filme cria uma narrativa a partir de quatro ilhas (Lesbos, Ilhas Marshall, Haiti e Tiwi) e quatro oceanos (Mediterrâneo, Atlântico, Pacífico e Índico). Essas geografias formam um mapa sensível que articula deslocamentos humanos forçados, mudanças geológicas, fronteiras coloniais e transformações planetárias. A pergunta que emerge é de grande densidade filosófica: “um terremoto pode liberar o conhecimento para uma revolução no mundo tal como o conhecemos?” O terremoto, ao tornar a superfície da terra líquida, destitui a estabilidade do solo e simboliza a possibilidade de reconfiguração das estruturas éticas e políticas modernas.

Ao longo dos capítulos, formas geométricas surgem brevemente como espectros, em remissão direta à crítica de Ferreira da Silva ao pensamento platônico. Um texto inicial afirma que, ao conter os quatro elementos em figuras geométricas, Platão funda um modo de pensar que “reduz as bases do existir e do saber à abstração letal”, estrutura que se manifesta historicamente como obliteração nuclear e violência total. Esse legado ultrapassa a capacidade humana de compreender ou responder moralmente ao dano que ele próprio produz, revelando o colapso do programa ético moderno. Ao mesmo tempo, essa crise abre uma fissura — uma chance de intervenção que aponta para outros modos de implicação.

O encerramento do filme convoca a cosmologia de Anaximandro de Mileto, segundo a qual o princípio de tudo é o *ápeiron*, matéria infinita e indeterminada. Ferreira da Silva apropria-se nesse conceito para elaborar sua proposição de *Corpus Infinitum*: não um corpo individual ou representável, mas uma condição de profunda implicação com tudo o que existiu, existe ou poderá vir a existir. A noção de *Corpus Infinitum*, subtítulo do filme, articula-se ao projeto de pensar uma ética sem valor — uma ética que não depende da figura do sujeito humano nem da lógica da equivalência que estrutura o valor nas sociedades capitalistas. Trata-se de um convite a imaginar um mundo que não gira em torno do humano, mas reconhece a infinitude relacional que constitui todas as existências.

Assim, *Serpent Rain* e *4Waters* oferecem, em conjunto, uma crítica potente à estrutura moderna que separa, hierarquiza e determina. Ao operarem temporalidades não lineares, cosmologias fugitivas e materialidades vivas, os filmes ativam o pensamento de Ferreira da Silva em sua radicalidade: desfazer o humanismo como horizonte ético-político e abrir espaço para modos de existência que afirmem a implicância profunda entre todos os corpos, humanos ou não. Suas imagens e narrativas tensionam os limites do pensamento ocidental e evidenciam a necessidade de imaginar uma ética implicada, ampliada e descentrada — uma ética para além da abstração letal do universal humano.

Donna Haraway, zoóloga estadunidense, produz uma crítica incisiva às separabilidades entre humanos e natureza, bem como entre humanos e tecnologia. Haraway, concebe toda produção de conhecimento como uma prática política, critica a ideia de objetividade baseada na imparcialidade, opera como produtora de um saber que, historicamente, funcionou como instrumento de dominação – o conhecimento que se apresenta como universal. Em sua análise, androcentrismo, etnocentrismo, racismo e divisões de classe atuam na conformação e transformação dessa ciência, estruturando-a em torno de um sujeito privilegiado do conhecimento: o cientista, figura moldada à imagem do “homem branco ocidental independente”.

Em seu livro *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*, palavra criada pela autora a partir de duas raízes gregas: khthôn e kainos, juntas designam um tipo de lugar-tempo. Kainos significa “agora” e khthônos, são seres da terra, são monstros, não são seguros e não estão em segurança. Contorcem-se e proliferam de múltiplas formas e múltiplos nomes em todos os ares, águas e lugares da terra. A partir do conceito de Chthuluceno, Haraway propõe pensar o momento presente não como projeção para um futuro, mas como convite a viver e morrer com uma responsabilidade que combina resposta e ação – o que ela denomina *respons-habilidade*.

A autora não se ocupa em organizar passado e presente para prever o futuro. Já no título da obra, há uma proposição: permanecer no presente, “como bichos mortais entrelaçados em uma miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, matérias e significados” (Haraway, 2023, p. 13). A autora desenvolve suas ideias rastreando histórias e figuras com o objetivo de romper as amarras do antropoceno e do capitaloceno. Sua brincadeira é tecida com fios da biologia, da arte e do ativismo político-ambiental. Haraway mobiliza a figura do barbante – a cama de gato – como imagem para defender uma

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

convivência multiespécie no agora turvo, perturbador e desconcertante. A figura de barbante é frágil e dependente do entrelaçamento entre fios; nenhum existe sem o outro.

Um dos fios da figura de barbante rastreados são os pombos: criaturas do império e aves de corridas de trabalhadores; de espões de guerra e parceiros em pesquisas científicas; de colaboradores no ativismo artístico, pragas e companheiros urbanos. Participaram de transformações ecológicas, políticas e acompanharam os conquistadores europeus ao redor do mundo. É uma espécie endêmica em diversas configurações de viver e morrer. Os pombos domésticos já atuavam como espões: quando solto em local desconhecido, um pombo é capaz de retornar ao pombal a milhares de quilômetros de distância devido ao seu sentido cartográfico. Haraway apresenta uma série de capacidades dos pombos, identificadas por pesquisas científicas – como o autorreconhecimento, capacidade de distinguir diferentes pessoas em fotografias, de reconhecer estilos de pintura e sua notável destreza em identificar pessoas e equipamentos em mar aberto. Nada disso, contudo, visa reforçar a excepcionalidade humana ou comparar espécies. Ao contrário, a autora argumenta que “pombos, humanos e dispositivos formam um tipo de time para se tornarem mutuamente capazes de realizar coisas novas no mundo dos relacionamentos multiespécies” (Haraway, 2023, p. 39). O esforço reside em reconhecer-se nos outros seres, considerando e respeitando a diversidade das formas e modos de vida existentes.

A produção poética de Castiel nasce de sua relação viva com o mundo. Sua prática é atravessada por suas memórias, suas vivências sociais, seus encontros, deslocamentos, conflitos e suas relações com os outros seres não humanos. É uma experiência situada, encarnada e afetada pela raça, gênero, classe social e território. Portanto, uma experiência coletiva, compartilhada. A maioria dos artistas pertencentes à geração de Castiel está imersa em processos de escuta, ou envolvimento com os saberes da tradição, ou experiências dissidentes de gêneros. Nesse sentido, a produção artística se torna uma elaboração de experiência e essa, uma matéria-prima de criação. A produção poética dessa geração é uma experimentação da vida. Assim, todo gesto poético emerge de um corpo situado.

Essa produção é vibrante, diversa e profundamente conectada com as tensões sociais, raciais, ecológicas e políticas do nosso tempo. Os suportes são múltiplos – desenho à performance, da instalação às mídias digitais – sem perder de vista suas raízes e

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

territórios, lançam mão de diferentes linguagens. Com trajetórias diversas, têm olhares íntimos para tudo o que cerca a vida dessas pessoas artistas, e para o próprio corpo, por meio de uma visão expandida do que significa estar no mundo. O que as aproxima é o compromisso em desafiar as estruturas das sociedades coloniais, questionar a ideia de identidade, desestabilizar discursos dominantes e propor novas formas de existir. Além de refletirem sobre migrações, ancestralidades e as problemáticas ecológicas. São trabalhos cheios de vigor e delicadeza.

O Museu del Hongo, baseado no Chile, foi criado em 2016 com uma produção sustentada por uma rede internacional de artistas e agentes culturais que se inspiram em métodos, texturas e formatos do reino fungi. “O *modus operandi* fungi, capaz de transformar matéria e estabelecer conexões, assume protagonismo na programação da instituição” (Licoulat, 2022, p. 33). A intenção é pensar os corpos dos animais humanos como fungos que existem em simbiose, sendo cada um deles um ecossistema único e sem classificação de gênero.

Para Merlin Sheldrake, os fungos têm a chave para compreender o planeta Terra, a maneira como pensamos, sentimos e nos comportamos. Mais de 90% das espécies não foram estudadas e a maioria não é facilmente visível aos nossos olhos. Curiosamente, um dos maiores organismos do mundo é um fungo, o Cogumelo do Mel. Encontrado no estado de Oregon, Estados Unidos, pesa centenas de toneladas, espalha-se por dez quilômetros quadrados e tem em torno de 2 mil e 8 mil anos.

Os fungos são prodígios metabólicos e podem procurar, recuperar e consumir detritos de forma engenhosa, rivalizando apenas com as bactérias. Usando coquetel de enzimas e ácidos potentes, eles podem quebrar algumas das substâncias mais difíceis do planeta, desde a lignina, o componente mais robusto da madeira, até a rocha, o óleo cru, o plástico de poliuretano e o explosivo TNT (Sheldrake, 2021, p. 13).

Os fungos foram indispensáveis na saída das plantas para a terra, há cerca de 500 milhões de anos. Eles serviram como um sistema de absorção por dezenas de milhares de anos, até que elas desenvolvessem raízes. Hoje, os fungos constituem redes compartilhadas que ligam as árvores umas às outras, as chamadas “internet das árvores”. Ainda atualmente, novos ecossistemas terrestres são criados por fungos. Quando uma ilha oceânica se forma, ou geleiras encolhem, descobrindo a rocha nua, os líquens – uma associação de fungos e algas ou cianobactérias – são os primeiros organismos a se

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

estabelecerem e formar o solo no qual as plantas criaram raízes. Dos sedimentos no fundo do mar à superfície dos desertos, dos vales congelados na Antártida às nossas entranhas e orifícios, há poucos lugares no mundo onde não há fungos. Uma única planta pode conter de dezenas a centenas de espécies em suas folhas e caules.

Conceição Almeida (2017) reivindica um animal humano pleno em sua sensibilidade diante do mundo e de si. No entanto, Almeida adverte que “essa abertura não advirá – principalmente, nem preferencialmente – das reformulações teóricas, conceituais, axiomáticas, metodológicas”, mas daquelas pessoas que se exercitem como implicados no mundo, na teia da vida, no conjunto social, na construção mítica, nos desmandos da civilização, na poética da natureza, no destino da espécie, na servidão dos desposuídos das benesses do progresso, na curiosidade das crianças, no perigo da extinção da espécie [...]. É sobretudo da metamorfose de sujeitos implicados na experiência da diversidade – real e existencial – que podem emergir construções narrativas e práticas sociais reorganizadoras da sociedade terrena em novos patamares e limites (Almeida, 2017, p. 192-193).

Essas palavras de Almeida apontam para essas artistas impregnadas pelo desejo da transmutação. E as práticas artísticas corroboram com Almeida, quando diz que a palavra não basta, não substitui a ação, a experimentação fenomênica, a experimentação corpórea. A vivência da diversidade do planeta alarga a experiência cognitiva e ética, rasga os limites do unitário, do único e do singular vivido pelo animal humano. Para Almeida (2017, p. 198), “é preciso coragem e ousadia para viver essas apostas”.

3 A ENCRUZILHA EM UM CORPOFLOR

Corpoflor é uma série de fotoperformance iniciada em 2016, hoje tem mais de 90 imagens. Um trabalho que discute o esquecimento promovido pela modernidade de que nós somos seres em transmutação entrelaçados com todas as espécies do planeta por meio da bioquímica. Transmutamos em todas as direções durante toda a nossa vida e para além dela. Talvez alguns vejam em Corpoflor um autorretrato. O autorretrato é um tema que atravessa toda a história da arte de narrativa europeia americana. Da arte rupestre à arte contemporânea. As impressões das mãos gravadas nas paredes das cavernas são registro da gestualidade de um corpo, sua marca. A auto representação não é

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

necessariamente uma cópia fiel da imagem física da artista, mas quase sempre é a expressão da maneira como a artista se vê, se entende, como lida com suas questões de vivente deste mundo. Corpoflor, inclui sua ambiência, os seres vegetais e os minerais que circulam em seu sangue. Uma obra encarnada, corpus de saberes e memórias. A produção de corpoflor tem início no segundo ano da graduação de Castiel em psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo e nasce como uma promessa, feita a si mesma, que é continuar transfigurando

Corpoflor é um retrato do que somos. A microbiologia tem chamado a atenção para o corpo humano como um sistema vivo. O corpo do homo sapiens é uma ambiência que abriga outros seres para se constituir enquanto um sistema vivo, composto por uma grande quantidade de células microbianas, que forma o microbioma humano formado de um conjunto de bactérias, vírus e fungos somando aproximadamente 100 trilhões de células, ou seja, 90% de nossas células não são humanas. O conceito de microbioma humano foi sugerido pela primeira vez por Joshua Lederberg (1925-2008), que definiu o termo como a “comunidade ecológica de microrganismos comensais, simbióticos e patogênicos que compartilham o nosso espaço corporal”. Quando pensamos em genes, em termos numéricos, os genes desses micros seres estão no corpo humano 100 vezes mais que os genes do hospedeiro, assim somos 99% micróbios e 1% humano.

Temos diversas comunidades de microrganismo presentes na pele, pulmões, trato urogenital e no trato gastrointestinal (ANTUNES, 2024). Nas últimas décadas as investigações se multiplicaram tanto, que deu origem a um novo campo na microbiologia, denominado de microbioma humano (LIMA, 2024). Essas investigações, demonstram o quão complexa é a composição de nosso corpo, para além da visão antropocêntrica de que somos resultado de genes que se juntam em um óvulo fertilizado. Corpoflor é um lembrete da transmutação permanente e de que somos seres encruzilhados.

Corpoflor é uma performance, essa prática poética marcada por intenso nomadismo de formas e insubmisso movimento de mutação, fratura a noção de representação e confunde ficção e vida. Não cabe em categoria alguma é uma arte das margens e do centro é essencialmente efêmera por sua natureza viva, temporal e política por princípio. Rompe as estruturas tradicionais da representação teatral trocando o ensaio pelo risco do acaso como elemento fundamental de sua linguagem. A performance existe

enquanto ações, interações e relações. “As performances marcam identidades, dobram o tempo, remodelam e adornam o corpo e contam histórias”. (SCHECHNER, 2006, p. 29)

Os trabalhos da artista são simbióticos com sua existência e principalmente com sua cotidianidade e sua obsessão por não esquecer ou melhor, por lembrar. O lembrete à mitologia moderna e seu tempo linear, à colonização, às nossas relações com os reinos animal, vegetal, fungi, protista e monera. Lembrete de nosso corpo perecível de infinitas temporalidades, um corpo habitado por diferentes seres que vive cotidianamente a transmutação. O lembrete habita não apenas o espaço físico que a artista transita, mas sua cognição, seus afetos e sua existência cotidiana. Vejamos a citação encontrada em seu blog quando pensa sobre a fotoperformance Resquício de um corpoflor.

Eu tenho um corpo de um futuro utópico, e de um passado ainda intacto. Um corpo onde as temporalidades misturam-se, se diluem e materializam-se em outra concepção de presente. Meu corpo é contemporâneo, pós e pré. Eu sou uma espécie extinta, em desenvolvimento. Hábito uma raça que nunca existiu. Trânsito em gêneros que já foram superados. Minha pele é preta e fértil. Nela brotam flores nunca catalogadas. Todos os meus órgãos provocam-se orgasmos. Pratico comportamentos contrassexuais. Eu tenho um corpo impossível. Um corpo selvagem, feito de sangue, néctar e pólen. Um corpo civilizado, consequência de falhas tentativas de melhoramento genético. Um corpo singular, que foge da máquina que produz subjetividades panópticas, mas que volta para habitar fissuras que ele mesmo abre nessas realidades imperfeitas. (BRASILEIRO, 2023)

Leda Maria Martins (2021) poeta, ensaísta, dramaturga e professora. No livro Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela, escreve sobre performance como transcrição de saberes ancestrais. Elabora o conceito de corpo-tela que nos aproxima da poética de Corpoflor.

o corpo-tela é um corpo-imagem constituído por uma complexa trança de articulações que se enlaçam e entrelaçam, onduladas com seus entornos, imantadas por gestos e sons, vestindo e compondo códigos e sistemas. Engloba movimentos, sonoridades e vocalidades, coreografias, gestos, linguagem, figurinos, pigmentos e pigmentações, desenhos na pele e no cabelo, adornos e adereços, grafismos e grafites, lumes e cromatismos que grafam esse copo/corpus, estilisticamente como locus e ambiente do saber e da memória. (MARTINS, 2021, p.79)

A produção de corpoflor tem início no segundo ano da graduação de Castiel em psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo e nasce como uma promessa, feita a

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

si mesma, que é continuar transfigurando. A promessa, segundo a artista, é uma ação, experiência impossível de explicação ou tradução.

Podemos inferir que Corpoflor é um lembrete da transmutação permanente e de que somos seres encruzilhados. Ou seja, os seres que habitam o planeta estão em uma condição de interdependência permanente vejamos o que diz Castiel:

um lembrete de que a ontologia Moderna não é nada além de uma história colonial da qual podemos nos deslocar com a Transfiguração em nível energético, hormonal, gestual, emocional, biológico, assim como do desejo e do pensamento, Transfiguração que se dá, igualmente e irrevogavelmente, em nível comunitário. (BRASILEIRO, 2021, p. 95)

Seus trabalhos são simbióticos com sua existência e principalmente com sua cotidianidade e sua obsessão por não esquecer ou melhor, por lembrar. O lembrete à mitologia moderna e seu tempo linear, à colonização, às nossas relações com os reinos animal, vegetal, fungi, protista e monera. Lembrete de nosso corpo perecível de infinitas temporalidades, um corpo habitado por diferentes seres e vive cotidianamente a transmutação. O lembrete habita não apenas o espaço físico que a artista transita, mas sua cognição, seus afetos e sua existência cotidiana. Vejamos a citação encontrada em seu blog quando pensa sobre a fotoperformance Resquício de um corpoflor

Eu tenho um corpo de um futuro utópico, e de um passado ainda intacto. Um corpo onde as temporalidades misturam-se, se diluem e materializam-se em outra concepção de presente. Meu corpo é contemporâneo, pós e pré. Eu sou uma espécie extinta, em desenvolvimento. Hábito uma raça que nunca existiu. Trânsito em gêneros que já foram superados. Minha pele é preta e fértil. Nela brotam flores nunca catalogadas. Todos os meus órgãos provocam-se orgasmos. Pratico comportamentos contrassexuais. Eu tenho um corpo impossível. Um corpo selvagem, feito de sangue, néctar e pólen. Um corpo civilizado, consequência de falhas tentativas de melhoramento genético. Um corpo singular, que foge da máquina que produz subjetividades panópticas, mas que volta para habitar fissuras que ele mesmo abre nessas realidades imperfeitas. (BRASILEIRO, 2023)

A citação acima é um desdobramento do título do trabalho, Resquício de um corpoflor, resquício, sinal de algo que não é ou esteve, vestígio, resto, sobra. um corpo que implica diferentes temporalidades em sua transmutação, um corpo fértil capaz de gerar vidas diferente de sua espécie, pois constituído de “sangue, pólen e néctar”. No entanto, civilizado, fugitivo, impossível e ativo na construção de possibilidades. Um corpo travesti

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

em travessia permanente. Corpoflor é um lembrete da possibilidade real de deslocamento e transmutação. Uma ontologia que abre fendas, cria possibilidades de outras existências, simultaneidade de tempos e outras racionalidades.

No livro de sua autoria “Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude”, Castiel desenvolve argumentos que sustentam duas ideias centrais em sua poética: a transmutação como um desígnio da vida e as ancestralidades interespecíficas. Seus estudos buscam demonstrar a transmutação como uma condição da vida no planeta Terra e o entrelaçamento entre os humanos e outros modos de vida. Produzindo uma crítica à racialidade e uma reinvenção da memória do colonialismo, para afirmar a sua imensurabilidade. Assim como um eclipse, Castiel tece levando o leitor a dançar na escuridão da noite, encorajando a não temer o mergulho ou a queda na confusão, distanciando-nos de explicações simplistas e superficiais.

Para a autora, criar e imaginar novas histórias é uma questão de intimidade com seres que não são humanos. É entender os nossos laços com a lua, o sol e tudo que existe além do planeta Terra. Ao promover uma disputa imagética e uma narrativa intelectual sobre a intimidade que pessoas negras desenvolvem com vidas que não as humanas/brancas. Castiel descreve a intimidade multiespécie como uma prática vital para experimentarmos momentos precípeis de liberdade em nosso cotidiano na plantation. Esse entendimento de nossa conexão com outras formas de vida, enriquece nossas experiências e promove a percepção da transmutação permanente.

4 O CONVITE SILENCIOSO DAS PLANTAS OU RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS COM VEGETAIS

Os estudos de Castiel em ancestralidades interespecíficas estão conectados com a ideia da transmutação como desígnio da vida. Pois, quando aceitamos que o carbono que habita o meu corpo é o mesmo que habita as estrelas; que os fungos e bactérias estão dentro de mim e ao meu redor; que um dia fomos parte do Sol, deslocamos nossas experiências da autodeterminação construída pelos filósofos modernos, sobretudo Descartes, Kant e Hegel, para uma “implicância profunda” (deep implication), defendida por Denise Ferreira da Silva. Chegando a uma superação da separabilidade que nos isola do mundo, dos outros seres e da matéria. Uma conexão radical em tudo o que existe.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

Castiel abandona o princípio da identidade, o que ela chama de mito da Forma Eterna. Reivindica uma ancestralidade para além do animal humano, ampliando o nosso repertório vital, pois a Lua, o Sol, as bactérias e as plantas, dentre outros seres habitantes deste planeta, são nossos ancestrais, estiveram conosco nessa jornada interestelar. Segundo Ilya Prigogine (2002) a história do animal humano é um recorte da história da vida, que por sua vez é um fragmento da história da matéria e está compõe a história do cosmos. Felizmente alguns animais humanos, como os povos originários e os de terreiros conseguiram manter viva as relações interespecíficas com os vegetais.

As religiões de matrizes africanas mantêm em sua estrutura religiosa profundas relações interespecíficas, não separam o humano e a natureza. A natureza é sagrada e vital. Os seres vivos e as forças da natureza são compreendidos como parte de um mesmo tecido, uma mesma rede de existência. As relações entre os seres são simbólicas, afetivas e espirituais. Há uma convivência entre seres humanos, animais, plantas, minerais e entidades espirituais. As plantas não são apenas remédios, elas participam dos rituais de cura, proteção e comunicação. O sacrifício dos animais ofertados é entendido como reintegração da vida ao ciclo cósmico. Rios, cachoeiras, montanhas e ventos são manifestações de divindades como, por exemplo, Nanã, orixá dos pântanos, da lama e da terra úmida; Oxum, dos rios e das cachoeiras; Iansã, dos ventos e da tempestade; Exu, a comunicação, o movimento e a força da transformação, etc. Essas práticas reconhecem que a realidade é mais ampla do que o visível.

Os povos originários também vivem relações interespecíficas com as plantas. Para os kaiowás, as plantas não são apenas recursos, elas possuem uma função terrenal no equilíbrio do espaço socio cosmológico. Elas influenciam todos os outros seres habitantes da superfície e interagem com aqueles que estão no subterrâneo. Para esse povo, os animais humanos são cegos para as formas originais das plantas e surdos para suas linguagens peculiares. Longe da ideia de domesticação, que está ligada ao progresso, à evolução, ao controle e subjugação, para os kaiowás, é urgente abandonar a ideia de submissão das plantas.

A conformação da floresta, então, é entendida como resultado de uma atuação conjunta de animais, seres humanos e não humanos, seres visíveis e invisíveis que produzem diversidade vegetal: plantas, comestíveis, frutíferas, sagradas, medicinais, dentre outras. As florestas também albergam distintas espécies de seres, são a sua casa. Nesse entendimento

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

reflorestar é uma forma de dar continuidade à existência e à manutenção da diversidade (João, 2023, p. 112).

A indústria farmacêutica também pratica relações interespecíficas com o reino plantae, quando desenvolve modos de curar doenças; busca o controle das transmutações do reino vegetal como meio de manter a dita excepcionalidade dos animais humanos. Seu controle significativo sobre as plantas medicinais não reconhece os saberes tradicionais que guiam essas formulações. Uma biopirataria autorizada, que transforma conhecimentos ancestrais em propriedades privadas. O objetivo final da indústria farmacêutica é resolver o problema criado pelas ontologias brancas, que é o entendimento da morte como portal para o esquecimento irreduzível.

A diferença entre as religiões de matrizes africanas, os povos originários e a indústria farmacêutica é que, para a última, as relações interespecíficas se resumem a subjugar e controlar as vidas do reino plantae, com o objetivo de garantir a excepcionalidade do animal humano. Já os primeiros, praticam “interações ecossociais com vista a manter a diversidade vital da vida” (Brasileiro, 2022, p. 67). Trago como exemplo a pesquisa de Esmeraldo Tavares Pires, sobre os saberes da tradição expressos pela parteira e benzedeira Dona Rosinha, da ilha do Marajó no estado do Pará. Pires procurou em sua investigação compreender o percurso dos saberes e as práticas de cura de Dona Rosinha, que se manteve por mais de sete décadas fazendo atendimento na sua comunidade e adjacências, utilizando plantas e ervas medicinais. O autor apresenta um glossário, elaborado a partir de uma literatura existente sobre a flora amazônica e acrescida das experiências e criações de Dona Rosinha, demonstrando que a benzedeira, em suas relações interespecíficas, cria, inventa remédios e gestos de cura, a partir da cultura amazônica e dos inúmeros desafios postos pelos corpos adoecidos que interpelam seu saber.

Em vários trabalhos, Castiel recorre ao reino plantae, a esses seres que representam quase toda a vida na Terra. A maioria das pessoas veem as plantas como paisagem e não como um ser vivo. Stefano Mancuso, em suas pesquisas centradas nas plantas, apresenta uma série de informações que transformam nosso entendimento desses seres.

São a representação viva de como a solidez e a flexibilidade podem ser combinadas. [...] uma arquitetura cooperativa, dis-tribuída, sem centro de

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

comando, capaz de resistir perfeitamente a repetidos eventos catastróficos sem perder a funcionalidade e de se adaptar com rapidez a enormes mudanças ambientais. [...] para utilizar os recursos do meio ambiente, as plantas se valem, entre outras coisas, de uma rede de raízes refinada, constituída por ápices que se desenvolvem de forma contínua e exploram ativamente o solo (Mancuso, 2019, p. 13).

O conhecimento que o cientista produz sobre as plantas é incrível, é reconhecido como “a revolução das plantas”. No entanto, seu esforço é compreender as diversas soluções que as plantas produzem com vistas a inspirar a produção tecnológica, os avanços das pesquisas espaciais, indústria farmacêutica, etc. Mancuso acredita no esquema moderno, no qual tudo e todas estão a serviço da existência do animal humano em uma hierarquia de subordinação.

A existência da memória nos seres sem mente é uma das discussões pautada em vários experimentos, apresentados por Mancuso. Por exemplo, aquele matinho que fecha as folhas quando tocadas, a Mimosa pudica, popularmente conhecida como dormideira, malícia, sensitiva, dorme-dorme ou não-me-toques, nativa do continente americano, ao ser levada para a Europa, tornou-se por algum tempo uma estrela nos estudos da Botânica. Renè Desfontaines (1750-1833) solicitou a um de seus alunos que desse umas voltas em Paris em uma carruagem com um grande número da mimosa pudica. O passeio deveria ser ininterrupto e com o trote moderado. Nos registros do jovem, consta que elas começam a abrir e fechar as folhas e, conforme o passeio continuava na mesma intensidade, o jovem escreve que elas se acostumaram às vibrações da carruagem. Experimento semelhante foi repetido em 2013 em condições de laboratório, por Monica Gagliano, no laboratório de Mancuso. Gagliano é pesquisadora da University of Western Australia, em Peth. Seu experimento submeteu a plantinha a diferentes estímulos, e chega à mesma conclusão do jovem estudante de Paris. A mimosa pudica possui uma memória sem cérebro, sem mente.

Mancuso reconhece o mistério que envolve a rápida adaptação da mimosa pudica aos tremores da carruagem ou as quedas no laboratório. Mas reflete sobre a floração de plantas que esperam certos números de dias para florescer, a partir da exposição ao frio do inverno. O botânico diz que as plantas possuem uma memória epigenética, e desenvolve toda uma argumentação com sequência específica do RNA.

A locomoção das plantas é outro tema abordado por Mancuso. Depois da invenção do time lapse, técnica de filmagem e edição que acelera a passagem do tempo, foi possível ver o movimento das flores desabrochando. Esses movimentos foram divididos pelos

cientistas em ativos e passivos. Ao emergirem da água, as plantas e os animais tomaram caminhos diferentes. Enquanto os animais se organizaram para se moverem na terra, as plantas se enraizaram no solo, utilizando a luz solar como fonte de energia. “Nunca uma escolha foi tão feliz, hoje não há ambiente no planeta que não seja colonizado por plantas, e sua disseminação em relação aos seres vivos chega a ser constrangedora” (Mancuso, 2019, p. 94). Pelo menos, 80% do peso de tudo o que está vivo na Terra é composto de vegetais.

São vários os trabalhos de Castiel em que convoca as plantas. Aqui apresento um conjunto de cinco trabalhos para pensar os vegetais como nossos ancestrais: Um punhado de onze horas, Novos ancestrais, Plantas que curam, Julite e Comigo-ninguém-pode. As relações interespecíficas vividas pela artista são uma prática, uma experimentação. Um punhado de 11 horas é um vídeo de 5’16” (cinco minutos e dezesseis segundos). Existe o 1, produzido em 2019, e o 2, produzido em 2020. Aqui me refiro sempre ao 2, pois consegui baixar apenas ele. Os dois são um vídeo performance, no qual Castiel benze a si mesma. Uma imagem em negativo da artista faz benzimentos em seu corpo físico. Nos créditos há um texto que diz que as plantas são de sua avó Julite Loureiro Brasileiro, que ajudou a criar o título.

Julite é também o título de um vídeo dança em que Castiel Vitorino Brasileiro declara seu amor à avó, entrelaçando esse gesto afetivo com a presença simbólica e sensível das plantas. Produzido em 2020, durante o isolamento da pandemia da covid19, a convite do Instituto Moreira Salles (IMS), o trabalho se apresenta como uma dança em que Castiel hesita em despertar, enquanto imagens de raízes aquáticas e enxurradas descendo escadarias evocam um cenário de descontrole e desconforto. A obra aborda o isolamento, a ansiedade e as crises de gastrite provocadas por aquele contexto extremo. Com desenhos em simbiose com árvores, e por meio de uma “receita de harmonização vegetal”, Castiel comunica a força silenciosa das plantas, que sustentam e compartilham a travessia daquele momento de dor e reclusão.

Em Um punhado de onze horas 2 (2019), a artista aparece na sacada de sua casa, com búzios repousando sobre os seios, um borrifador em mãos e plantas brotando no muro. Enquanto as manipula com delicadeza, sua imagem em negativo realiza um gesto de benzimento sobre seu próprio corpo, como se invocasse forças ancestrais para um ritual íntimo de cura. Sentada de forma relaxada, quase entregue, como quem se abre para

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

receber uma bênção, inicia uma série de gestos ao som de batuques que evocam uma presença espiritual. A sobreposição de seu corpo físico com a imagem negativa cria um emaranhado visual entre seres corpóreos e etéreos, tencionando as fronteiras entre o material e o espiritual. As plantas, mais do que cenário, tornam-se parceiras de cura e de travessia — agentes silenciosos de um saber ancestral reativado na prática poética de Castiel.

Castiel buscou, por um tempo, as benzedeadas de Vitória/ES. A artista se tornou curandeira e benzedead. Apropriou-se das tecnologias vegetais, dos saberes tradicionais e os incorporou em sua existência. Embora não realize benzimentos em outras pessoas, já que não passou pelos rituais de iniciação, atualiza e ressignifica uma filosofia que parte de um corpo integral, enraizado na vida. As entidades e presença espiritual que a acompanham não apenas a guiam, mas sustentam sua caminhada e sua prática artística. Assim, esses trabalhos em parceria com as plantas podem ser entendidos como uma tradução dessas experiências/vivências com as benzedeadas e seus saberes.

Na performance *Novos ancestrais*, Castiel costura plantas naturais em roupas utilizadas em rituais de candomblé. Em seguida, as roupas são usadas em uma dança. A dança é recorrente nos trabalhos da artista. Para ela, a origem é uma questão de sonoridade, movimento e dança, e não de palavras. Ao propor uma reconfiguração da ancestralidade, cria um espaço onde o corpo é simultaneamente arquivo e agente de transformação. A ancestralidade aqui é viva e presente. Castiel manipula em suas obras as relações entre os corpos dos diferentes seres vegetais, a prática da macumba e as marcas da colonialidade. Essa última ultrapassa a reivindicação de um lugar na plantation, pois, Castiel acredita ser o tornar-se negro uma manobra para a manutenção do mito moderno da raça. Apesar de estarmos conectados no nível bioquímico, o desafio, para a artista, não é um tratamento igualitário, mas “a disposição em construir interações ecossociais que assegurem a integridade da diversidade vital” (Brasileiro, 2022, p. 33).

A performance *Plantas que curam* é uma pesquisa-intervenção sobre processos de adoecimento e de produção de saúde para corpos negros. Para Castiel, essa ação foi uma aposta na cura, no tempo, na natureza. Uma nova geração de rezadeiras com forte presença das pessoas dissidentes de gênero então reafirmando os saberes da tradição de cura, de espiritualidade e cuidados com o corpo e com a Terra. Elas estão nas periferias, nos terreiros, nos quilombos, nas aldeias, nos movimentos da agroecologia, nas zonas

rurais e também nas redes sociais. Em sua maioria, assim como Castiel, pertencem à geração Z, as chamadas nativas digitais, cujos perfis chegam a mais de 300 mil seguidores. Não é difícil encontrar cursos online e presencial de reza-deiras. No entanto, a partilha e a convivência com as parteiras tradicionais, os círculos de cura, rodas de benzimentos, feiras e encontros para troca de saberes, valorizados por essas pessoas jovens, também se fortalecem. As plantas são suas aliadas e não são reduzidas a ingredientes ou substâncias. São entes, espíritos, memórias da Terra. Em seus processos de cura e elaboração de substâncias, consideram as fases da lua, o tempo da planta e os momentos de colheita. Essas jovens benzedadeiras são a encruzilhada entre o passado e o futuro; encantam a relação com as plantas, promovem e vivem uma experiência da afetabilidade.

É possível reaprender a viver com os complexos processos de existência das plantas? Elas podem nos ensinar formas de conviver, a partir do conhecimento desenvolvido por esses seres? Escuta sensível das plantas foi uma individual da artista Liz Vedra, uma abordagem somática ligada à dança, na qual a artista propõe uma experiência existencial em sintonia com esses seres que escolheram estratégias de existência diferentes dos animais. A abordagem da artista é um exercício de diluição da razão vigilante, para possibilitar uma experiência com os vegetais. Sua poética tem a dança e a performance como meio e entrelaçamentos interespecíficos com as plantas e seu corpo travesti. Uma atenção ampliada que solicita uma percepção háptica. Um híbrido humano-vegetal que procura a regeneração do corpo e a criação de novas dimensões espaço-temporais.

São vários os artistas que têm as plantas não apenas como materialidade de suas pesquisas, mas como presença viva e simbólica, explorando suas potências estéticas, espirituais e políticas. Entre eles, Denilson Baniwa, indígena que em seus trabalhos traz o conhecimento da floresta e das plantas, denuncia o extrativismo e a revalorização da cosmologia indígena; Cláudia Andujar, apesar de conhecida por meio de seu trabalho sobre os yanomami, também registrou a relação profunda desse povo com as plantas e a floresta; Giselle Beiguelman, com o projeto Bottannica Tirannica investiga a genealogia de preconceitos do mundo botânico, a partir da nomenclatura popular e científica das plantas, e tantos outros artistas que poderiam ser citados. As plantas aparecem nessas poéticas como mediadoras de saberes ancestrais, práticas de cura, resistência e crítica à

colonialidade, enfatizando as relações entre corpo, ter-ritório e natureza que foram silenciadas pela lógica moderna ocidental.

5 CONCLUSÃO

Se é verdade que um colapso ambiental previsto pelos estudos do clima está em curso, também é verdade que estão em curso experiências e vivências que ganham espaço em pesquisas, ações, exposições e projetos, com vistas a frisar experiências ancestrais e saberes da tradição. O convite é voltar o olhar para as vivências daqueles que sobreviveram à tragédia da modernidade, ao aniquilamento. Uma das lições desses agrupamentos é a não prevalência da linguagem escrita, mas uma diversificação da linguagem como modo de possibilitar essa experiência com o diverso. Essa é uma lição também dos artistas que atuam no campo da arte contemporânea que, desde a metade do século passado, têm ampliado significativamente os materiais e as linguagens das quais fazem uso. A diversidade de linguagem contribui para um entendimento mais complexo, porque permite que diferentes formas de perceber, expressar e organizar o mundo coexistam. Cada linguagem – seja verbal, visual, corporal, simbólica ou ancestral – carrega modos distintos de conhecer, que não se reduzem à lógica linear ou racional. Assim, quando múltiplas linguagens são ativadas, ampliam-se os horizontes da compreensão, incorporando emoções, memórias, territórios e experiências diversas. A complexidade não é apenas soma de informações, mas a capacidade de articular múltiplas camadas da realidade – e isso só é possível quando há abertura à pluralidade de expressões, sem medo de sabotar a palavra.

Uma educação que tem as relações interespecíficas e a transmutação como centro traduz-se em uma prática sensível e radical, na qual aprender é um gesto de escuta profundo da diversidade que compõe o planeta Terra. Não se trata mais de uma educação que tem como força motriz a racionalidade instrumental, mas de abrir-se àquilo que escapa, ao invisível, à água, ao silêncio das pedras e ao saber das plantas. A prática poética de Castiel nos inspira a uma educação que acolhe a experiência com o diverso, e, por isso, como movimento, como passagem, como performance da vida em suas infinitas possibilidades. Uma pedagogia da intimidade com a perecividade, pela qual se aprende com a Terra e com os ventos, com as memórias da Lua, dos fungos, dos vegetais e das

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

flores, com o que insiste em viver, apesar da norma. Nesse convite, o saber não é poder, mas vínculo, um chamado para compartilhar, cuidar e conviver.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Ciência da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. 2.ed. Curitiba: Appris, 2017.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude**. 1. Ed. São Paulo. n-1 edições; editora Hedra, 2022. (coleção Lampejos)

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Resquício de um corpoflor**. Disponível em: <<https://cargocollective.com/castielvitorinobrasileiro/Resquicios-de-um-corpo-flor>>. Acesso em: 25 jun 2023.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Site da artista**. Disponível em: <https://castielvitorinobrasileiro.com/açao_quintal>. Acesso em: 10 dez 2023.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Transfigurações de mim**. Castiel Vitorino, Gretta Sarfaty e Davi Nascimento. Youtube, 03/12/2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5zkgzerZNYk>> Acesso em: 01 jan 2023.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. ED. n-1, São Paulo, 2023.

MANCUSO, Stefano. **A revolução das plantas: um novo estudo para o futuro**. São Paulo: Editora Ubu, 2019.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**: Para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A nova aliança: metamorfose da ciência**. Brasília: Editora UnB, 1988.

SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida: como os fungos constroem o mundo**. Editora Fósforo /Ubu. São Paulo, 2021.

SHELDRAKE, Rupert. **O renascimento da natureza**: O reflorescimento da ciência e de Deus. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? In: **Performance studies**: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, 2006.

VÍDEOS/FILMES

SILVA, Denise Ferreira da; NEUMAN, Arjuna. **Serpent Rain**. EHCHO, 2016. Disponível em: <<https://ehcho.org/conteudo/serpent-rain>>. Acesso em: 02 jul 2024.

SILVA, Denise Ferreira da; NEUMAN, Arjuna. **4 Waters-Deep Implicancy**. EHCHO, 2018. Disponível em: <<https://ehcho.org/conteudo/4-waters>>. Acesso em: 02 jul 2024

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Julite**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=p6Fx9dtThd8&t=41s>. Acesso 12 jan 2024
BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Um punhado de onze horas 2**. Pesquisadora: Sanzia Pinheiro Barbosa. Vídeo